



ISSN: 2310-0036

Vol. 13 | Nº. 2 | 2022

O Professor de Referência na Voz dos Estudantes do Ensino Superior no Contexto Moçambicano

The Reference Teacher In The Voice Of Higher Education Students In The Mozambican Context

Nharongue David Araújo

Universidade Católica de Moçambique

Evangelina Bonifácio

VALORIZA – Centro de Investigação para a Valorização de Recursos Endógenos – IPP & Instituto Politécnico de Bragança – Portugal

RESUMO

O presente artigo tem como objectivo central compreender qual a imagem do professor de referência, a partir da percepção dos estudantes do ensino superior no contexto moçambicano. Em termos metodológicos, optou-se por um estudo de carácter quali-quantitativo e privilegiou-se como instrumento de recolha de dados, o inquérito por questionário, com algumas perguntas abertas colocadas a 40 estudantes que participaram no estudo. A informação recolhida foi tratada através de um paradigma descritivo e interpretativo, recorrendo à técnica de análise de conteúdo e ao programa *Microsoft Excel*. Relativamente aos resultados, importa salientar que enfatizam que para ser um «bom professor» do ensino superior, no contexto moçambicano, são necessários saberes e competências na área de intervenção, formação psicopedagógica, domínio das tecnologias de informação e comunicação, capacidade de investigação e publicação dos resultados, assumindo, além do mais, as questões ético-deontológicas inerentes à prática docente, considerando que esta se encontra alicerçada na relação humana. Como conclusão, apurou-se que, o professor de referência, é um profissional que deve ser detentor de múltiplos saberes científicos e competências sociais, humanas e comunicacionais que lhe permitam assumir uma profissão complexa, considerando que a relação professor-estudante se encontra alicerçada na relação humana e no respeito pela singularidade de cada pessoa.

Palavras-chave: professor universitário; estudantes do ensino superior; formação de professores universitários.



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

Abstract

The main objective of this article is to understand what is the image of the reference teacher, from the perception of the higher education students in the Mozambican context. In methodological terms, it was opted for a quali-quantitative study and it was privileged as instrument of data collection, the questionnaire survey, with some open questions put to 40 students who participated in the study. The information collected was processed through a descriptive and interpretative paradigm, using the content analysis technique and Microsoft Excel software. Regarding the results, it is important to highlight that they emphasize that to be a "good teacher" in higher education, in the Mozambican context, knowledge and skills in the area of intervention, psycho-pedagogic training, mastery of information and communication technologies, capacity for research and publication of results are necessary. In conclusion, it was found that the reference teacher is a professional who should hold multiple scientific knowledge and social, human and communication skills that allow him/her to assume a complex profession, considering that the teacher-student relationship is based on the human relationship and on the respect for each person's singularity.

Keywords: university teacher; higher education students; university teacher training.

INTRODUÇÃO

O estudo teve como preocupação compreender quem são os professores de referência do ensino superior e averiguar quais as qualidades ou competências que caracterizam as suas práticas docentes e o seu modo de assumir a profissão, partindo da voz dos estudantes e considerando que na sociedade moçambicana existe a imagem social sobre o que significa ser um «professor de referência». Partimos da convicção de que a formação pedagógica, o domínio dos conteúdos científicos, as relações interpessoais e o respeito pelos limites éticos bem como a colaboração e as potencialidades de cada aluno, são fundamentais para a acção docente. Igualmente, importa a “experiência profissional aliada ao comprometimento do professor que é enfatizada como fundamental para a aprendizagem do aluno” (Bartnik & Machado, 2008, p. 496).

Perante os tempos que se vivem, e num ambiente de mudanças significativas e rápidas o conhecimento terá que ser sintonizado com os reptos que vão emergindo, facto que passou a ser factor preponderante na actividade humana e social. Cita-se, como exemplo, a COVID-19, e tudo o que este vírus representou para a humanidade, ao paralisar grande parte das universidades e das instituições do planeta. Neste caso, e em outros semelhantes, o professor universitário deverá estar preparado, aberto à mudança e atento para se adaptar, rapidamente, às transformações sociais, assegurando às novas gerações a criatividade, a solução e inovação face ao tempo presente e futuro.

Concordamos, por isso, com Bonifácio (2017) quando refere que “efectivamente, o espaço educativo reclama novas formas de aceder ao conhecimento e, neste sentido, coloca novos desafios, sobretudo, aos profissionais da educação. Daí que a interpelação seja uma constante” (p. 269). A autora, posiciona-se numa linha de pensamento diferente de Mazula (2012), quando este refere que ser professor é exercer uma missão, porque a tarefa de ensinar exige dedicação, amor e consagração da vida. Porém, convergem quando ambos defendem um professor reflexivo e de múltiplas competências.

Como é sabido, a sociedade actual exige profissionais sabedores e comprometidos com o desenvolvimento profissional e humano em que a “reflexão e antecipação da acção transformadora, acto colectivo e emancipador, que projeta a possibilidade da concretude da mudança das pessoas e do mundo” (Dickmann & Dickmann, 2020, p. 109). Assim sendo Moçambique, considerado como um país em desenvolvimento, não constitui uma excepção. Daí que, para garantir que a educação superior responda efectivamente os anseios da população, há necessidade de formar docentes altamente capacitados, dotados de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e que realmente equilibrem as suas decisões educati-

vas com soluções adequadas aos problemas da sociedade contemporânea, defendendo-se que a educação do século XXI se materialize através da formação ao longo da vida, para todos quantos o desejem.

1. Professor universitário de referência

O professor universitário deverá ser um profissional altamente capacitado para realizar a função da docência com responsabilidade e conduzir acções de pesquisa a favor da sociedade, contribuindo para a sua melhoria através da universidade. Sendo assim, espera-se que seja reflexivo, crítico, detentor de saberes pedagógicos e científicos e, sobretudo, comprometido em potencializar a aprendizagem dos estudantes, possibilitando que o conhecimento seja construído nas aulas, em *workshops*, palestras e laboratórios, conferências nacionais e internacionais, entre outras possibilidades. O que importa é que seja relevante para a formação teórica e prática dos estudantes, tornando-os autónomos e críticos no sentido positivo (Benedito, Ferrer & Ferreres, 1995).

Nesse sentido, Mazula (2012) refere que ser professor é, ao mesmo tempo, uma tarefa, uma vocação, uma profissão e uma missão. Sublinha que é uma tarefa porque o professor no exercício das suas funções não pode fugir às acções traçadas pelo Estado, nem alterar os conteúdos dos programas de ensino, mas sim, ele deve realizá-las como elas foram delineadas, cumprindo esta tarefa com responsabilidade e inteligência. O autor advoga que nessa tarefa, a principal preocupação é a assimilação da matéria pelos alunos e

não ser professor despachante, que desalfandega e transporta a matéria recebida do Estado e despejá-la no aluno, não se preocupando com a sua assimilação pelos alunos. Nem sequer ser *professor supersónico* que, na transmissão, corre com a matéria a grandes velocidades e em movimento uniformemente acelerado, não se fazendo ouvir e sem se preocupar com o tempo de aprendizagem necessário ao aluno, porque corre para outras actividades pessoais, como cuidar da machamba ou da quinta, para as explicações aos seus próprios alunos, ir dar aula noutros estabelecimentos de ensino em detrimento da instituição onde está vinculado; sempre na perspectiva de conseguir mais dinheiro para adicionar ao seu magro salário. Ser professor é uma *profissão* de tipo especial, cuja função é educar (p. 88).

A este propósito, recorda-se que já no séc. XVII se dizia que ensinar é “uma *arte* e responsabilidade” (Coménio, 2006, p. 45). Segundo Mazula (2012), o professor celebra um contracto com o Estado, torna-se seu funcionário e compromete-se, deste modo, a exercer condignamente a profissão, recebendo, para isso, o apoio necessário e as condições mínimas para o exercício das suas funções.

De acordo com Platão (2006), ser professor é, acima de tudo, uma *missão*, onde Sócrates considerava que ensinar aos cidadãos era uma missão nobre, confiada pelos deuses. Para Morin (2002) ser

professor é “uma missão de transmissão” de conhecimentos, de ensinar a saber ser, saber estar, saber fazer e a saber pensar. Grande responsabilidade! Essa transmissão exige competência, “além de que é também uma *técnica*, uma *arte*” (p. 101).

No seguimento do que já foi dito, anteriormente, Cunha (1995) defende que, na actualidade, o bom professor é aquele que: i) encaminha a sua prática pedagógica no sentido de que o aluno aja intelectualmente frente os conteúdos; ii) trabalham na perspectiva de que o conhecimento possa ser criado e recriado pelos estudantes e pelos professores na sala de aula; iii) rejeita a visão mecanicista de transmissão do conhecimento pronto e acabado; iv) incentiva o pensamento crítico e divergente dos alunos; v) apresenta o roteiro da aula, o objectivo do estudo que vão realizar e localizam historicamente o conteúdo; vi) entende que, se os alunos estiverem conscientes do objecto de estudo, estarão mais motivados; vii) no final da aula, faz referência a materiais de consulta, a obras e autores que possam aprofundar aquele conhecimento; viii) usa frequentemente palavras de reforço positivo frente às respostas dos alunos, como forma de incentivar a sua participação e de demonstrar a sua crença na capacidade do aluno; ix) preocupa-se com o aspecto da clareza nas explicações; x) empenha-se na utilização de um tom de voz audível, com pausas e entonações variadas que dêem significado ao discurso; xi) tenta apreender a linguagem dos alunos para tornar a sua linguagem académica mais acessível.

Face aos argumentos explicitados e, na mesma lógica, o estudo de Azevedo, Freire e Machado (2013), que teve como preocupação descobrir as representações sociais do bom professor universitário entre estudantes de um curso de licenciatura, concluíram que o bom professor seria um profissional dedicado, responsável organizado, assíduo, competente no domínio dos conteúdos, com sabedoria didáctica, ético, compreensivo, conhecedor dos seus estudantes e experiente. Igualmente, enfatizam a valorização das experiências, pessoais e sociais, que colocam em discussão, promovendo momentos dinâmicos no sentido que os assuntos se tornem compreensíveis.

De sublinhar, ainda, que Ventura *et al.* (2011) referem que a sociedade actual exige do professor competências que dão ênfase ao domínio dos conteúdos, à gestão do currículo, à inovação na prática docente, ao cativar, ao motivar e ao desenvolver uma relação de empatia. Significa, pois, que consegue admitir diferentes modos de pensar e de agir dos estudantes e que se manifesta disponível e tolerante em qualquer ambiente onde se encontra.

Diríamos que, de modo geral, todos os professores apontados como bons docentes apresentam o domínio do conhecimento amplo, profundo e actualizado da disciplina que ensinam, bem como das ciências correlatas, o domínio de aptidões didácticas, correspondentes às suas posições filosóficas e

epistemológicas, diferentes em qualidade e quantidade. Assim, a têm a responsabilidade de delinear a aula e ensinar, demonstrando ou realizando exercícios que levem à participação dos estudantes a partir de perguntas oportunas. Parafrazeando (Pimentel, 1996) são os que procuram introduzir variações nos exercícios ou em discussões/problematizações, incentivando os alunos a reflectir sobre os conceitos que desenvolvem e, além disso, referenciam os resultados das suas pesquisas e de outros pensadores. Acrescenta, ainda, a ideia de que o bom humor deve prevalecer de modo que a aula se torne num momento leve e atractivo.

Face ao que foi dito, a docência universitária, reclama o domínio de um conjunto de conhecimentos, técnicas e diversos métodos que, de forma crítica, devem ser ensinados, permitindo a autonomia do estudante na produção do seu próprio conhecimento, bem como o desenvolvimento da capacidade de reflexão e a análise e utilização de diferentes tipos de documentação. Considera-se, ainda, que este processo de ensino necessita da actividade investigativa, do trabalho colaborativo, criando e recriando situações de aprendizagem inovadoras e construtoras de valores. Relativamente à avaliação dos estudantes, ela deverá ser diagnóstica e compreensiva, mais do que uma avaliação de controlo, pelo que a finalidade deverá ir no sentido de conhecer o universo cognitivo e cultural dos estudantes e, com base nisso, desenvolver ou ajustar as práticas (Pimenta & Anastasiou, 2002).

Neste contexto, Tardif (2012) defende, também, que “o professor ideal é alguém que deve conhecer a sua matéria, a sua disciplina e o seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência quotidiana com os alunos” (p. 39).

Igualmente, Cardoso (2015), quando se refere ao que significa ser bom professor universitário, sublinha que:

o conhecimento didáctico se manifesta como um indicativo do que significa ser um bom professor, aquele que sabe como ensinar e quais os procedimentos e recursos são mais adequados ao trabalho com cada conteúdo. Nem sempre está aliada a utilização de recursos, como multimédia. O mais importante é saber seduzir e prender a atenção do aluno, tornar a aula mais interessante com base em escolhas variadas e adequadas de técnicas e de recursos materiais. Para isso, é necessário conhecer técnicas variadas para atender a objectivos diversos (p. 141).

Em termos de síntese, a respeito das características do bom professor, Cunha (1998), aponta a necessidade de que o professor respeite e valorize o conhecimento do estudante, que entenda o erro como parte integrante do processo de aprender, que resgate o prazer do aprender, que envolva o aluno na produção de conhecimento e na elaboração de trabalhos colectivos, que desenvolva o seu trabalho a

partir da integração entre ensino-pesquisa e da relação teoria-prática. Assim, deve implementar a reflexão e a discussão de problemas reais, e, sobretudo, deve entender que os conhecimentos produzidos são apenas sínteses provisórias e não a “verdade definitiva sobre os factos” e importa ter presente “que cada ciência, para se configurar como significativa, tem de se deixar penetrar por outras áreas e formas de conhecimento” (pp. 97-99).

2. Opções metodológicas

Neste ponto descreve-se o processo de investigação realizado, a fundamentação e a metodologia adoptada, ou seja, os procedimentos que orientaram a recolha de dados, o modelo de análise da informação e a interpretação desses resultados à luz das questões de investigação que nortearam o estudo.

Relativamente à questão orientadora foi explicitada da seguinte forma: O que significa ser um professor de referência no contexto moçambicano?

Acrescentar que o estudo seguiu os procedimentos de um paradigma de carácter qualitativo a partir de um instrumento de trabalho elaborado para a recolha da informação (questionário), adaptado do Bonifácio (2009).

Os dados secundários foram obtidos por meio de uma pesquisa bibliográfica relacionada com o tema (livros, artigos, revistas, dissertações e teses) e constituíram fontes de informação que contribuíram para a compreensão e sustentação teórica.

Neste estudo, participam 40 estudantes de licenciatura (cinco de cada) conforme a tabela seguinte:

Tabela 7. Número de participantes por cursos

CURSOS	EA-A	EF-B	EZ-C	EGFB-D	TPA-E	BIO-F	CA-D-G	CA-N-H	TOTAL
ESTUDANTES	5	5	5	5	5	5	5	5	40

No presente estudo, importa ressaltar que foram respeitadas as questões éticas inerentes ao trabalho desta natureza e procurou-se salvaguardar a integridade e o anonimato dos participantes. Para tal, os dados recolhidos foram apresentados de forma codificada e são utilizados, exclusivamente, para fins académicos.

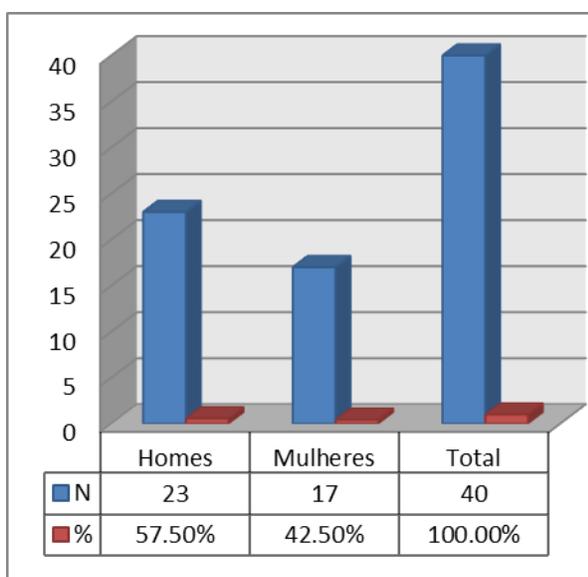
Em algumas situações, os dados foram analisados usando o programa *Microsoft Excel e o Word* que permitiram visualizar os resultados de forma clara e objectiva, materializado na elaboração de gráfi-

cos e tabelas. Todavia, neste texto apresentam-se, apenas resultados parcelares da informação recolhida.

3. Apresentação, análise e discussão dos resultados

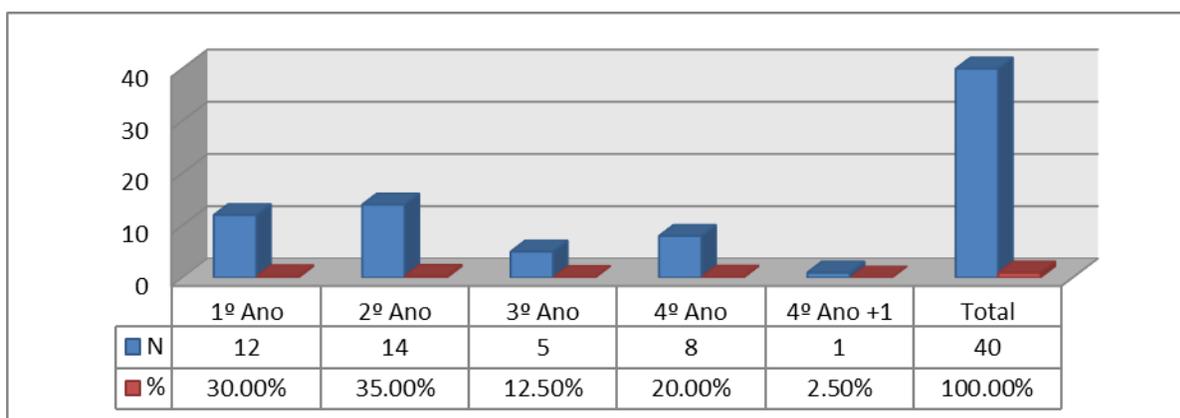
Tal como foi salientado, neste ponto, apresentam-se parte dos resultados obtidos no trabalho de campo, partindo da visão dos estudantes inquiridos. Procurou-se realizar o cruzamento da informação obtida através da sustentação teórica, com o propósito de analisar o perfil do professor universitário de referência, considerando o caso do contexto de uma instituição de ensino superior moçambicana.

Gráfico 1: Caracterização do género dos estudantes inquiridos no questionário



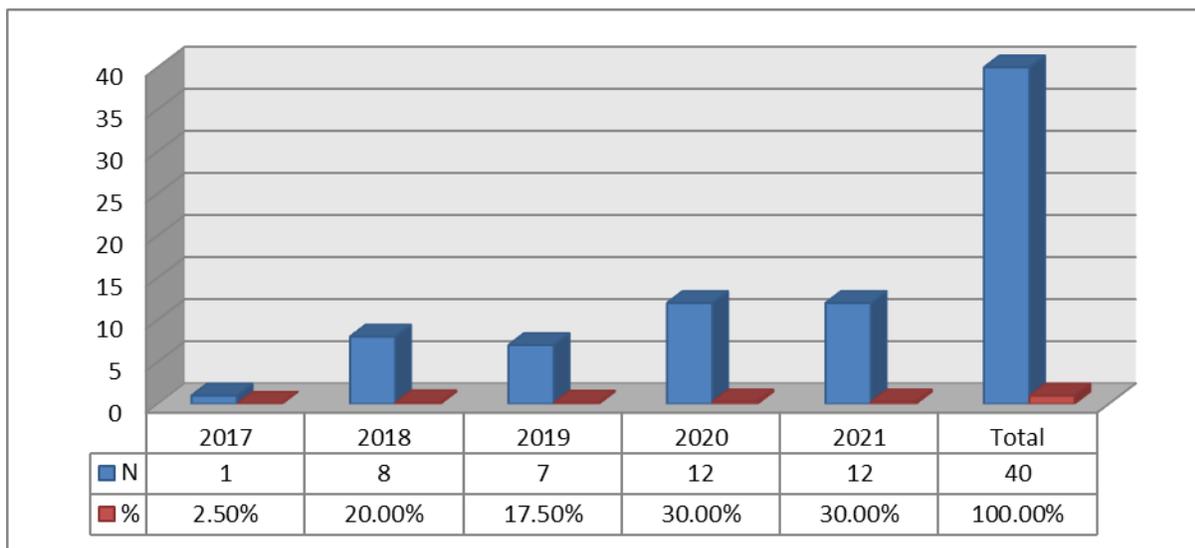
Da leitura do gráfico 1, constata-se que a maioria dos inquiridos, são homens (57,5%) e os restantes são mulheres (42,5 %). Isto, permite-nos concluir que estes dados vão ao encontro da realidade da instituição, em estudo, em que o número total de estudantes, no ano de 2021, era de 1.147, sendo 605 homens e 542 mulheres, conforme os dados estatísticos da instituição.

Gráfico 2: Nível dos estudantes por curso



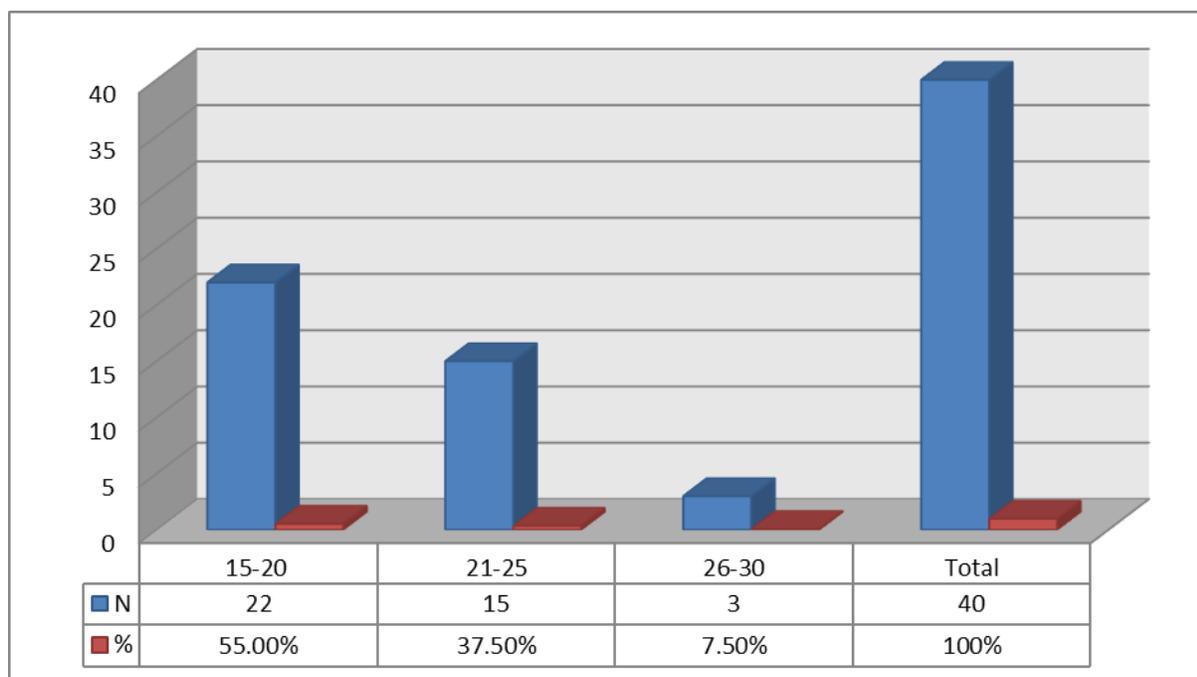
Verificando atentamente os dados do gráfico 2, constata-se que a maioria dos estudantes inquiridos, são do 2º ano (35,0%). Seguidamente encontram-se o número de estudantes que frequentam o 1º ano (30%) e logo depois os estudantes a frequentar o 4º ano (20%), sendo que se destaca um estudante a frequentar o quarto ano + 1 (2,5%), tratando-se de um inquirido, que estava no quinto ano de frequência mas, ainda, a fazer disciplinas do seu curso que ficaram em atraso.

Gráfico 3: Ano de ingresso dos inquiridos



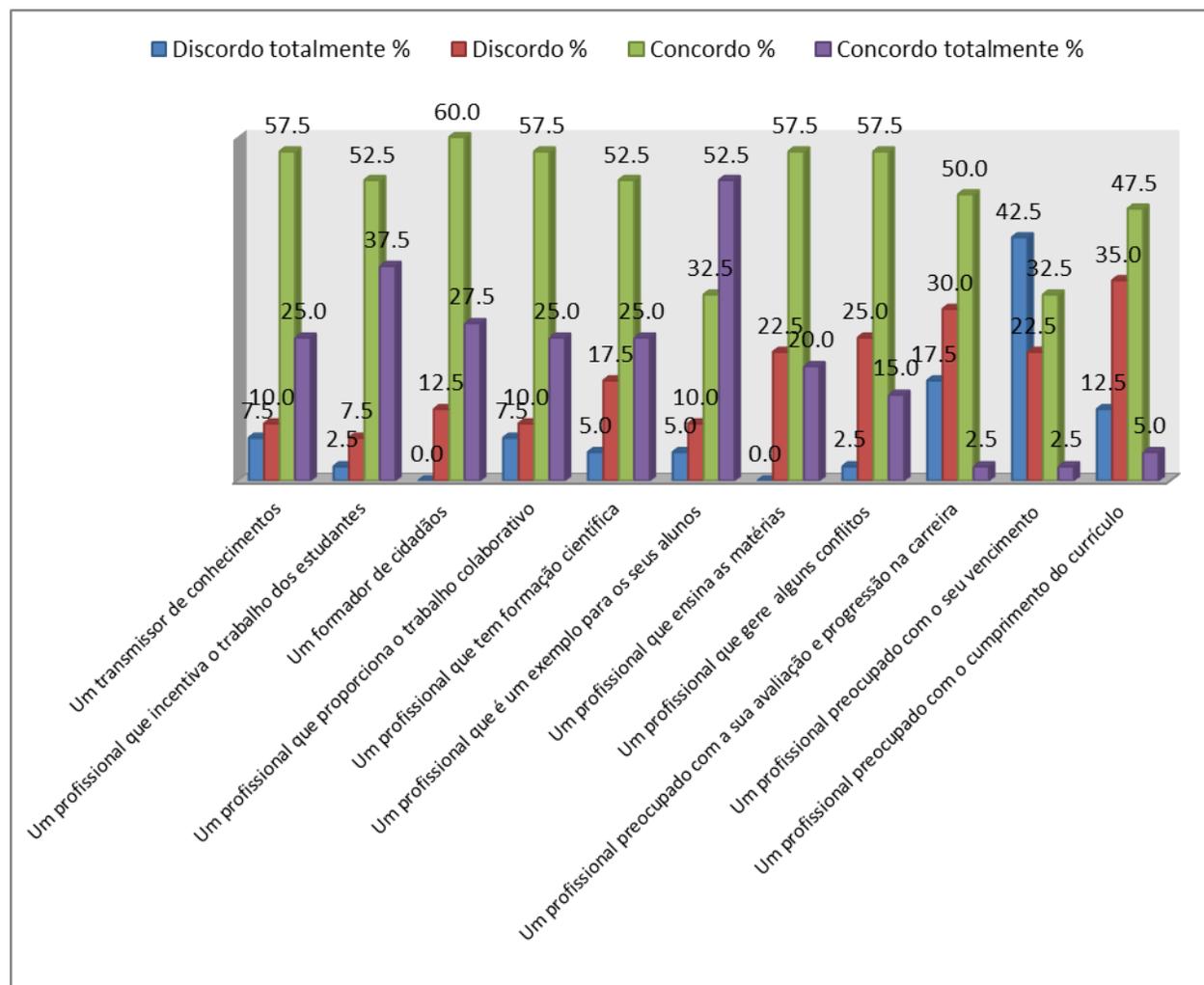
As respostas dadas pelos estudantes inquiridos, em termos do ano de ingresso, mostram que a maioria ingressou nos anos de 2020 e 2021, registando-se uma percentagem igual nesses anos (30,0%). Importa referir que o estudante mencionado, anteriormente, que estava no quinto ano, ingressou na instituição no ano de 2017, como ilustram os dados da tabela analisada.

Gráfico 4: Idade dos estudantes inquiridos



No que concerne à variável idade dos inquiridos, os escalões etários foram divididos em 3 intervalos: de 15-20 anos, de 21-25 anos e, por fim, de 26-30 anos de idade. O escalão que engloba os respondentes dos 15 aos 20 anos, num total de 22 estudantes, representa uma percentagem de 55,0 % do total, dos 21 aos 25 anos de idade responderam 15 estudantes, ou seja, 37,5% e entre os 26 e os 30 anos temos 03 respondentes, ou seja, 7,5%. Os dados permitem concluir que a idade mínima dos estudantes era de 15 anos e a máxima de 30 anos, apresentado uma idade jovem, apesar de existir uma diferença de idades considerável. Depois da caracterização dos inquiridos, a pergunta 2, pretendia averiguar as percepções dos estudantes sobre o perfil do que entendem ser um «bom professor» universitário e o gráfico 5 evidencia os resultados de acordo com a informação recolhida.

Gráfico 5 – Percepção dos estudantes sobre os professores

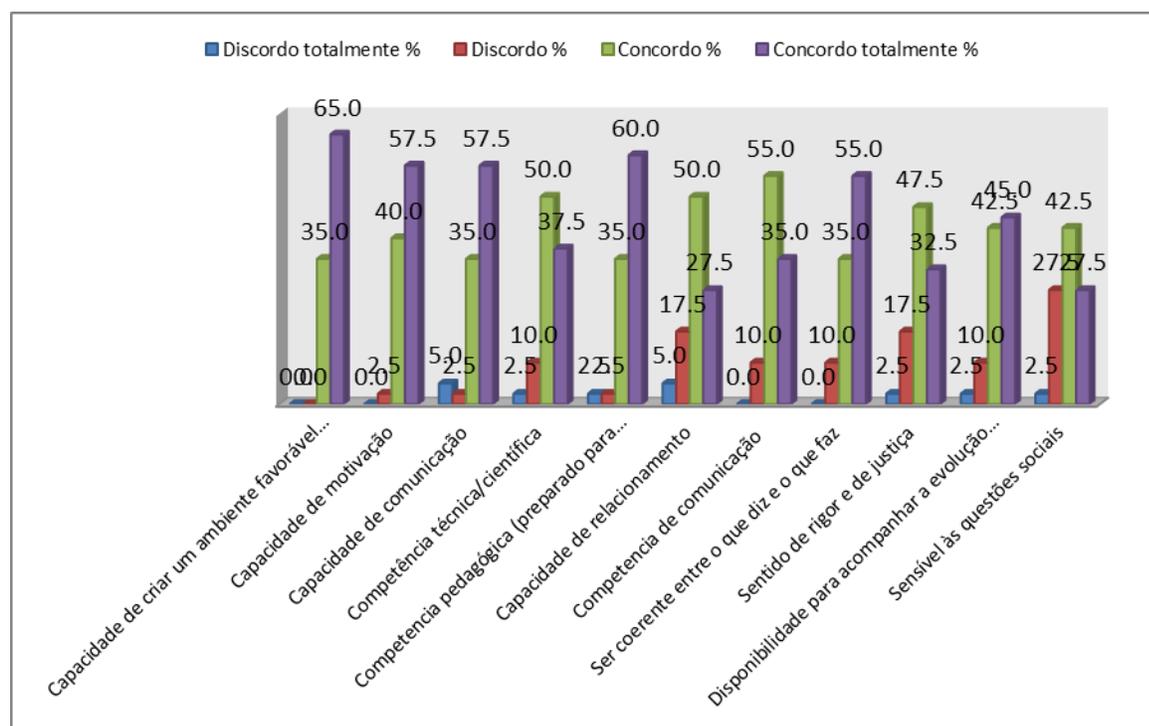


Na leitura à análise dos dados, podemos inferir que do número total dos estudantes inquiridos, estabeleceram a seguinte ordem de consideração das afirmações sobre o conceito de um bom professor universitário: concordam totalmente que um bom professor universitário é um profissional que é um exemplo para os seus alunos (52,5%); concordam que é um formador de cidadãos (60,0%); concordam que é um transmissor de conhecimentos, um profissional que proporciona o trabalho colaborativo, um profissional que ensina as matérias e um profissional que gere alguns conflitos respectivamente (57,5%), sendo essa percentagem coincidente nestes quatro aspectos. Igualmente, referem que concordam ser um profissional que incentiva o trabalho dos estudantes e que tem formação científica respectivamente (52,5 %); concordam ser um profissional preocupado com a sua avaliação e progressão na carreira

(50,0%); concordam ser um profissional preocupado com o cumprimento do currículo (47,5%) e discordam totalmente ser um profissional preocupado com o seu vencimento (42,5%).

Face às percepções dos estudantes sobre o perfil do que entendem ser um «bom professor» universitário, pretendia-se averiguar se existia congruência entre o que assinalavam na pergunta anterior e o que lhes seria perguntado posteriormente (pergunta 3), em que se lhes pedia para destacar quais as qualidades que deve ter um docente universitário.

Gráfico 6: Qualidades do professor universitário



Analisando os dados do gráfico 6, podemos perceber que os estudantes inquiridos, demonstraram a seguinte sequência de consideração das afirmações relativamente às qualidades de um professor universitário, ou seja, concordam totalmente que as qualidades de um professor universitário passam pela capacidade de criar um ambiente favorável para aprendizagem dos seus estudantes (65%), concordam totalmente que deve ter competência pedagógica (preparado para dar aulas - 60%), concordam totalmente que deve ter a capacidade de motivação e de comunicação (57,5%), concordam totalmente que deve ser coerente entre o que diz e o que faz (55%), concordam totalmente que deve ter disponibilidade para acompanhar a evolução do conhecimento (45%), concordam que deve ter competência técnica

nica/científica e capacidade de relacionamento (50%), concordam que deve ter sentido de rigor e de justiça (47,5%), e, por fim, concordam que deve ser sensível às questões sociais (42,5%).

Importa ressaltar que na questão 2, na afirmação que refere «um profissional que incentiva o trabalho dos estudantes» e se associarmos os inquiridos que concordam (52,%) e os que concordam totalmente (37,5%) emerge uma percentagem de 90%. E na questão três se seguirmos a mesma linha de raciocínio, destaca-se a afirmação «Capacidade de criar um ambiente favorável à aprendizagem» em que temos uma percentagem de 100%.

Esta linha de pensamento apresentada pelos estudantes inquiridos, encontra base de sustentação em Cunha, (1995) quando defende que, “para os alunos actuais, o bom professor é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo” (p. 72).

No seguimento desta ideia, o bom professor tem que ser alguém reflexivo, crítico e conhecedor dos conteúdos que lecciona e, além disso, estar comprometido com o caminho para potencializar a aprendizagem dos estudantes, procurando que o conhecimento construído seja relevante e significativo para a formação teórica e prática dos estudantes (Benedito, Ferrer & Ferreres, 1995).

Neste sentido, como demonstram os dados do gráfico 6, os estudantes inquiridos concordam totalmente que um professor do ensino superior deve ter as qualidades como: capacidade de criar um ambiente favorável à aprendizagem, competência pedagógica (preparado para dar aulas), capacidade de motivação, capacidade de comunicação, ser coerente entre o que diz e o que faz. Na mesma lógica, concordam que deve ter: competência técnica/científica, capacidade de relacionamento, sentido de rigor e de justiça e, por fim, ser sensível às questões sociais.

Esta visão dos estudantes inquiridos que valoraram, em primeiro lugar, a afirmação que refere que o docente do ensino superior deve ter a capacidade de criar um ambiente favorável à aprendizagem (65%), vai ao encontro do pensamento de Mazula (2012), quando aborda a questão relacionada com a função dos professores, aludindo que:

a principal preocupação é a assimilação da matéria pelos alunos, “não ser *professor despachante*, que desalfandega e transporta a matéria recebida do Estado e despeja-a no aluno, não se preocupando com a sua assimilação pelos alunos. Nem sequer ser *professor supersónico*, que, na transmissão, corre com a matéria a grandes velocidades e em movimento uniformemente acelerado, não se fazendo ouvir e sem se preocupar com o tempo de aprendizagem necessário ao aluno, porque corre para outras actividades pessoais, como cuidar da machamba ou da quinta, para as explicações aos seus próprios alunos, ir dar aula

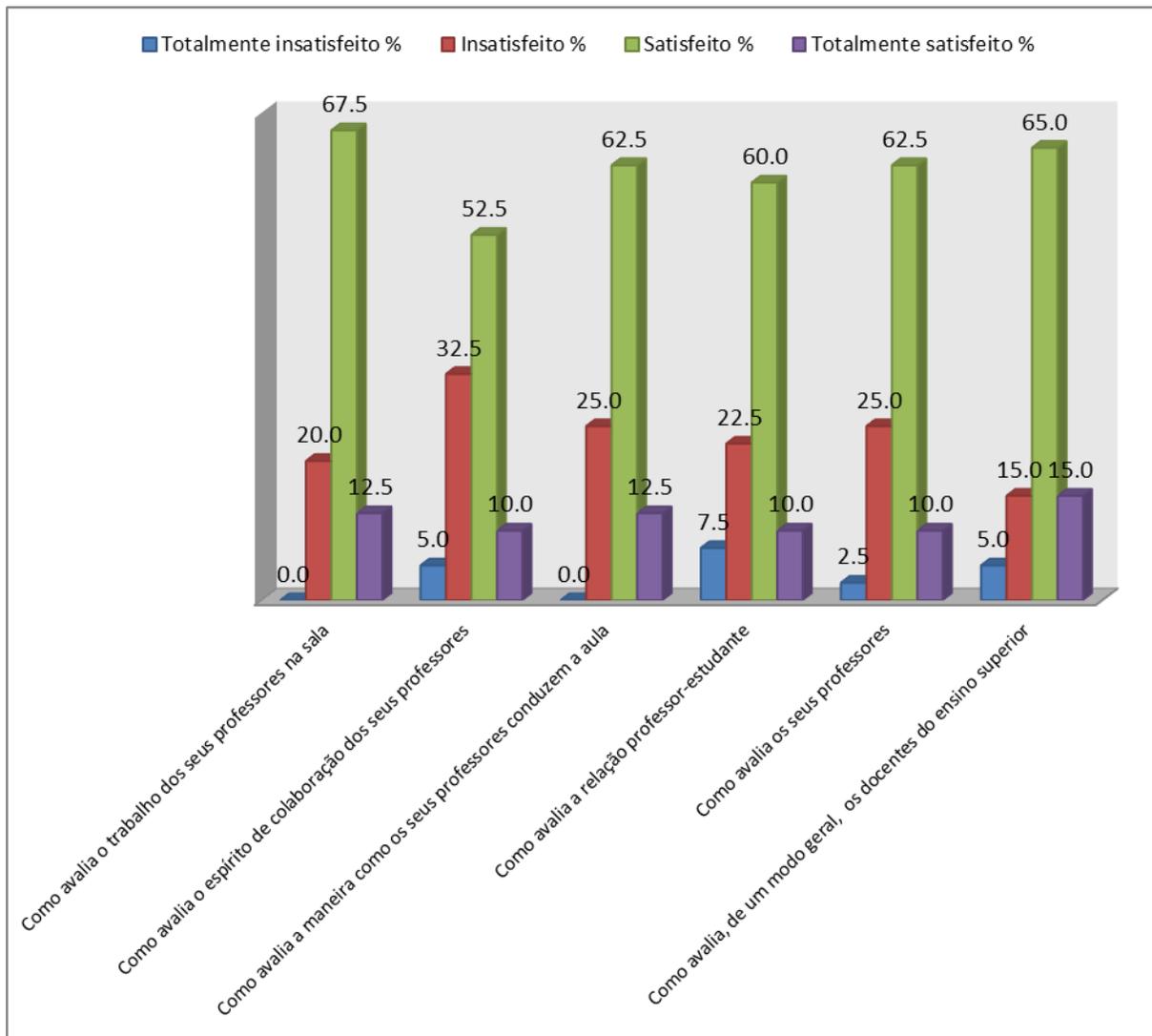
noutros estabelecimentos de ensino em detrimento da instituição onde está vinculado; sempre na perspectiva de conseguir mais dinheiro para adicionar ao seu magro salário. Ser professor é uma *profissão* de tipo especial, cuja função é educar (p. 88).

O posicionamento dos estudantes inquiridos é reforçado por Tardif (2012), quando refere que:

o professor ideal é alguém que deve conhecer a sua matéria, a sua disciplina e o seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da Educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência quotidiana com os alunos (p. 39).

Como resultado da análise da informação, parece ser pertinente e necessário que o professor do ensino superior tenha uma preparação especializada, com domínio científico dos conteúdos e, além do mais, que tenha a sensibilidade pedagógica para criar um contexto apropriado de aprendizagem, face à diversidade de situações e singularidades dos estudantes, contribuindo significativamente no processo de ensino e aprendizagem, aproximando-se de uma perspectiva que dá ênfase à participação, à criatividade dos estudantes e à resolução de problemas.

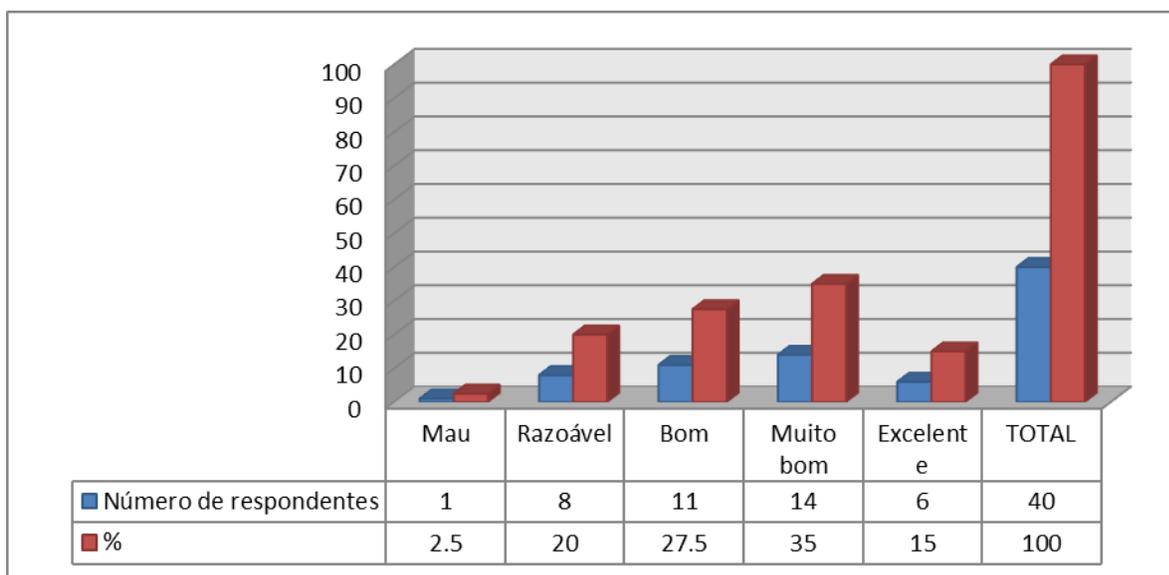
No que toca à pergunta 4, pretendia-se averiguar o grau de satisfação, dos estudantes, com o trabalho produzido pelos professores, tal como se ilustra com os resultados, do gráfico seguinte.

Gráfico 7: Grau de satisfação com os professores

No que respeita à questão enfatizada, os estudantes inquiridos manifestaram satisfação com o trabalho dos seus professores na sala de aula (67,5%) e, igualmente, dizem estar satisfeitos quando indicam de forma clara, uma avaliação, globalmente, positiva (65,0%). Além disso, percebe-se que estão satisfeitos com a maneira como os professores conduzem a aula e em termos de postura (62,5%), com a relação professor-estudante (60,0%) e, por fim, com o espírito de colaboração dos seus professores com (52,5%).

Seguidamente, pretendia-se compreender qual a avaliação global, que os estudantes inquiridos têm sobre os professores. Assim, os resultados são apresentados de seguida (gráfico 8).

Gráfico 8: Avaliação global dos professores do ensino superior



Com base na avaliação global sobre a percepção que têm dos professores, os dados indicam que houve uma classificação de *excelente* de 15,0%, de *muito bom* 35,0%, de *bom* 27,5%, de *razoável* 20,0% e, por fim, embora em menor número, verifica-se que há inquiridos que atribuíram a nota de *mau* (2,5%). A leitura destes dados permite afirmar que há uma imagem positiva, considerando que 50% se situam entre as notas de excelente e de muito bom. Todavia, percebemos que os estudantes devolvem indicação de que nem tudo está bem pois atribuíram a classificação de razoável em número ainda significativo (20%) e a de mau numa pequena percentagem (2,5%), sendo uma situação que merece ser reflectida porque se trata de profissionais de ensino.

Em síntese, compreende-se a percepção devolvida porque, teoricamente, se posiciona de acordo com o estudo de Azevedo, Freire, Machado (2013), quando concluem que, na actualidade, estes profissionais devem ser detentores de múltiplas competências (científicas, pedagógicas e humanas).

Na mesma linha de pensamento, Bonifácio (2022) sublinha que os professores são «construtores de futuro». Importa que se preocupem com a compreensão do seu papel social (nacional e global). Daí que, o repto é que se empenhem numa formação universitária de qualidade e mais humanizada e, nessa lógica, espera-se que (re) imaginem uma educação enquanto processo de aperfeiçoamento humano e, desse modo, decisiva para o “futuro planetário de sociedades mais justas, democráticas, equitativas e pacíficas. Significa, pois, que a tarefa é imensa e, por isso, lhes é exigida uma aprendizagem permanente e (re) significada dos diferentes saberes (...) e numa perspectiva de educação ao longo da vida para todos” (pp. 171-172). Na educação importa o «eu-tu-nós», assumindo a importância da relação de presencialidade, balizada por um quadro de valores humanistas, em que o professor deve ser a referência central.

Considerações finais

A informação recolhida permite concluir, pela voz dos inquiridos, que para se ser bom professor do ensino superior, no contexto moçambicano, tal como acontece em outras geografias, são necessários saberes e competências na área de intervenção, formação psicopedagógica, domínio das tecnologias de informação e comunicação, capacidade de investigar e realizar publicações, assumindo as questões ético-deontológicas inerentes à prática docente, considerando que esta se encontra alicerçada na relação humana. Face a estes resultados recorre-se ao posicionamento de Ventura *et al.* (2011), quando, a este propósito, sugerem que a sociedade actual exige, do professor, competências que dão ênfase o domínio dos conteúdos, da gestão do seu currículo e inovação na prática docente, a capacidade de admitir modos de pensar e de agir diferentes dos seus estudantes, de cativar, motivar, desenvolver uma relação de empatia, ser disponível e tolerante em qualquer ambiente onde se encontra.

Assume-se que ser professor-referência, do ensino superior, em qualquer geografia e, em particular, em Moçambique, é ser construtor e influenciador de futuro, pelo que não pode (nem deve) abdicar da sua condição de autor e, igualmente, da inerente responsabilidade de formar e de transformar os estudantes em cidadãos participativos, críticos e respeitadores da dignidade humana. Daí a inquestionável relevância de uma profissão que cuida e renova o futuro das sociedades.

Referências bibliográficas

- Azevedo, M. F., Freire S. B., & Machado, L. B. (2013). O “bom” professor universitário nas representações sociais de estudantes de pedagogia. *Roteiro*, Joaçaba, 2, pp. 311-335.
- Bartnik, H. L. S. & Machado, I. M. C. (2008). A formação pedagógica do professor universitário. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 8; congresso ibero – Americano sobre violência nas escolas – CIAVE, 3, Curitiba. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Congresso Ibero – Americano sobre violência nas escolas – CIAVE. Curitiba, PR: Champagnat, pp. 487-497. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/141_339.pdf>.
- Benedito, A. V., Ferrer, V. & Ferreres, V. (1995). *La Formación universitaria a debate*. Barcelona: Publicaciones Universitat de Barcelona.
- Bonifácio, E. (2022). Professores e Escolas - uma relação enlaçada pela ética do rosto. Em G. S. Sánchez, & S. E. Frades, *Políticas para una educación inclusiva equitativa y de calidad* (pp. 169-178). Salamanca: Aquilafuente - Ediciones Universidad de Salamanca.
- Bonifácio, E. (2009). *Escola e Professores: A imagem social do professor no ensino básico no Portugal contemporâneo (1973-2005)* (Tese de doutoramento). Universidade de Salamanca, Facultad de Educación, Departamento de Teoria e História de la Educación, Salamanca, Espanha.
- Bonifácio, E. (2017). (Pre) ocupações do professor no século XXI. Em A, G. Barbosa, M,N, Ibraimo, M.S.V. Laita, I, Mussagy (Coords.). *Desafios da Educação: Leituras actuais*. Nampula, Moçambique: Décadas das Palavras, pp 263-278.
- Cardoso, M. R. G. (2015). O bom professor universitário do século XXI e sua prática. *Cadernos da FUCAMP*, 14 (20), pp 133-148.
- Comênio, J. A. (2006). *Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. (5ª ed.). Coimbra, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, M. I. (1995). *O bom professor e sua prática*. (5ª ed.). Campinas, Brasil: Papirus.
- Cunha, M. I. (1998). *O professor universitário na transição de paradigmas*. São Paulo, Brasil: J. M.
- Mazula, B. (2012). O Professor e os desafios do ensino e aprendizagem no século XXI: Uma abordagem orientada para o desenvolvimento. *Revista Científica da UEM, Série Ciências da Educação*, 1, pp 75-101.
- Pimenta, S. G. & Anastasiou, L. D. G. C. (2002). *Docência no ensino superior*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Pimenta, S. G. (1996). Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. *Revista da Faculdade de Educação*, 2, 72-89. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551996000200004>
- Pimentel, M. G. (1996). *O professor em construção*. (3ª ed.). Campinas, Brasil: Papirus.

Platão. (2006). *Apologia de Sócrates e Críton*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Tardif, M. (2012). *Saberes docentes e formação profissional*. (14ª ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.

Ventura, M. C. A. A., et al. (2011). O “bom professor” – opinião dos estudantes. *Revista de Enfermagem Referência*, Coimbra, III Série, 5, pp. 95-102.
